

Meus filósofos

Maria da Conceição Almeida – UFRN

MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. Traduzido por Edgard de Assis Carvalho e Mariza Peressi Bosco. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

Publicado no Brasil um ano depois de seu lançamento na França, esse livro não é mais um dos inumeráveis manuais de ideias filosóficas escolhidas. Nem uma síntese axiológica das matrizes do pensamento filosófico ocidental. Menos ainda uma analítica dessubjetivada de pensadores que se interrogaram sobre o mundo e o homem, e arquitetaram as bases das culturas científicas e humanísticas de nosso tempo. É mais do que isso. Trata-se de um livro que sugere uma atitude intelectual importante no que diz respeito à construção do conhecimento, porque expõe a dialógica dependência-autonomia do sujeito cognoscente e nos convoca a empreender uma arqueologia das raízes de nossos argumentos, convicções, incertezas e nomadismo das ideias.

Meus filósofos é, como diz o autor em seu texto introdutório, a expressão de uma dívida com pensadores que *imprintaram* seu pensamento, nutriram a unidade e a diversidade de suas interrogações. Para Morin, seus filósofos não se limitam aos nomes consagrados pela filosofia como disciplina ou área de conhecimento. São todos aqueles nos quais reconhece as sementes que fecundaram as noções, argumentos e princípios de um pensamento complexo e um conhecimento transdisciplinar dos quais ele é o arquiteto maior. É por isso que figuram ao lado de Pascal, Descartes, Montaigne, Hegel, Spinoza, Heidegger, Marx, Husserl, e outros, nomes como Beethoven, Buda, Jesus, Proust, Dostoiévski... De Beethoven guarda, entre outras lições, palavras que qualifica de extraordinárias: “Nós, seres humanos de espírito infinito, nascemos unicamente para a alegria e para o sofrimento. E se poderia quase afirmar que os mais eminentes conquistam alegria por meio do sofrimento” (p 167).

Se há nesse livro um operador cognitivo capaz de elucidar o diálogo afetivo e crítico de Edgar Morin com seus filósofos, devemos reconhecer na interrogação sobre o sentido profundo da contradição esse operador. Seja em Heráclito, do qual retém os argumentos de que as contradições são estratos subterrâneos de verdade e de que o homem em seu sonambulismo é movido por lampejos de lucidez, momentos de liberdade, forças de dualidade conflituosa entre religação, discórdia e concórdia; seja em Pascal, “nosso mais profundo antropólogo, sensível a complexidade humana que vê no homem um tecido de contradições”; ou em Dostoiévski, no qual reconhece o humanismo como um combate entre fé e dúvida, esperança e desesperança, é sempre o desafio de lidar com a contradição que aciona a curiosidade do autor e o faz ultrapassar, definitivamente, as oposições tidas como inconciliáveis pelo pensamento da fragmentação.

A contradição, que poderia ser o sub-título do livro, é aqui tratada em suas bases vivas, no âmbito de uma antropologia complexa e transdisciplinar que foi gestada por meio de pensadores inquietos, “filósofos, romancistas, matemáticos e metamatemáticos, fundadores de éticas e de espiritualidades”. Com eles, diz o autor, “cultivei e formulei minhas emoções, horrores, encantamentos”. Razão e paixão, bem e mal, crueldade e ternura, sonho e vigília, racionalidade e irracionalidade, verdade e falsidade,

objetividade e subjetividade, real e imaginário são pares opostos e complementares, indissociáveis portanto. Talvez um fragmento do poema de Augusto dos Anjos (O beijo) expresse esse âmago da condição humana em toda a sua plenitude: “a mão que afaga é a mesma que apedreja; a boca que beija é a mesma que escarra”.

Meus filósofos chega ao Brasil por meio de uma tradução cuidadosa, própria de quem conhece a obra de Edgar Morin. Isso garante também a fidelidade ao fluxo narrativo de um autor tão instigante, tão pleno, tão sem censura.

Se por meio desse livro o autor expressa sua dívida com pensadores que o ajudaram a formular seu próprio pensamento, ele também pode anunciar nossa dívida com Edgar Morin por nos fazer entender que nossas ideias não são tão nossas assim. Ao nos reconhecer como dependente dos outros, não só nas ideias, mas também na vida, somos instados – aí sim – a construir com singularidade nossas próprias ideias.

Quando a marginalidade ganha destaque: articulações entre esporte, comunicação e cultura

Allyson Carvalho Araújo – UFRN

MONTÍN, Joaquín Marín (Org.). **Deporte, comunicación y cultura**. Sevilla: Comunicación social ediciones y publicaciones, 2012.

Ao tentar mapear os investimentos em estudos sobre esporte, seja na área de comunicação ou mesmo nas ciências sociais, é perceptível a negligência do debate sobre essa manifestação. Ao que parece, a manifestação esportiva carece do prestígio social e que outras manifestações sociais detêm. Este tipo de inferência já foi colocada a décadas atrás por Dunning e Maguire (1997, p. 322) ao destacar que “aos olhos da maioria dos defensores das teorias sociológicas que predominam atualmente, o esporte não levanta nenhum problema significativo”. Contudo, é na fala do pensador Alemão radicado nos Estados Unidos, Hans Ulrich Gumbrecht, que a noção do esporte como a “mais bela marginalidade a vida” ganha notoriedade (GUMBRECHT, 2007, p. 27). Segundo este autor “a referência à marginalidade do esporte funciona como advertência bem-humorada sobre o risco de levar os prazeres que ele oferece a sério demais” (IBIDEM).

A despeito da percepção marginal do esporte como elemento de estudo países como a Espanha, os Estados Unidos da América e o Brasil tem investido em produções que promovem reflexões a cerca do esporte em diálogo com as ciências sociais e a área da comunicação a partir da percepção deste como elemento da cultura.

Neste sentido, o livro “Deporte, Comunicación y Cultura” agrega falas de diferentes países em torno deste eixo de debate. A obra organizada pelo Professor Joaquín Marín Montín¹ representa a ampliação do esforço deste pesquisador em reunir trabalhos de pesquisadores em torno do esporte em suas relações com os meios de comunicação. Este esforço pode ser percebido anteriormente a partir de dois outros livros lançando em parceria com autores espanhóis, a saber: “Comunicación y Deporte: Nuevas Perspectivas de Análisis” (MONTÍN, 2005) e “Imagen, Comunicación y Deporte: una Aproximación Teórica” (MONTÍN, 2008). Nesta terceira publicação da série, o pesquisador ocupa-se em dar visibilidade a produção de um grupo de quatorze pesquisadores do Brasil, Espanha e Portugal que, mesmo sem diálogos sistemáticos, criam afinidades ao discutir a repercussão midiática do esporte expressa na publicidade, jornalismo, produções artísticas, dentre outros.

Os onze trabalhos que compõe a obra estão distribuídos em duas partes que agrupam assuntos afins. A primeira parte intitula-se “Deporte, médios y comunicación” e é composta por cinco capítulos. O primeiro escrito trata-se do trabalho do Professor Francisco Pinheiro (Universidade de Coimbra – Portugal) que tematiza, a partir de uma perspectiva histórica, a análise das principais correntes de pensamento e formatos de investigação dos trabalhos que associam o esporte e a comunicação. O

¹Professor titular do Departamento de Comunicación Audiovisual, Publicidad y Literatura da la Facultad de Comunicación da Universidad de Sevilla.

segundo estudo é uma reflexão de Eduardo Gil (Canal Sur Radio - Espanha) e Hilario Romero Bejarano (Universidade de Sevilla – Espanha) sobre a transformação da transmissão esportiva de rádio associada a interesses econômicos e empresariais. O terceiro estudo é fruto da pesquisa de Andeson Carpes (Jornal Semanário de Bento Gonçalves - Brasil) e Marli Hatje Hammes (Universidade Federal de Santa Maria – Brasil) que também tematizam o meio radiofônico, agora no contexto brasileiro, e suas utilizações de figuras de linguagem na transmissão esportiva.

O quarto capítulo, de autoria de Carlos Parra Alcaraz (Universidade de Sevilla; Universidade Pablo Olavide – Espanha), descreve as tendências das modalidades esportivas em ambiente natural e levanta a necessidade de difusão destas práticas nos meios de comunicação como estratégia para consolidá-las. Já no quinto e último capítulo da primeira parte deste livro, o professor Gustavo Roese Sanfelice (Universidade Feevale – Brasil) faz uma análise sócio-simbólica da cobertura de dois jornais impressos com relevância nacional acerca da ginasta Daiane dos Santos.

A segunda parte do livro tem o título de “Deporte, ocio y cultura” é composta por seis capítulos que se ocupam de pensar os usos e as representações do esporte na cultura contemporânea a partir dos diálogos com diferentes suportes. O professor Manuel A. Vázquez Mandel (Universidade de Sevilla – Espanha) inicia esta segunda parte do livro com um capítulo teórico que tece relações do esporte com as teorias do lazer e seus reflexos nas práticas culturais.

O capítulo sete apresenta reflexões sobre a construção da figura do herói esportivo a partir da referência do mito. Para tanto a Professora Maria Ángeles Martínez García (Universidade de Sevilla – Espanha) valora o espaço esportivo como privilegiado para a construção do herói, sobretudo quando dialogado com os meios de comunicação.

O capítulo oito, de autoria da professora Maria Ramos Serrano (Universidade de Sevilla – Espanha), trata dos videogames como estratégia de lazer que recorrentemente tem acionado a temática esportiva e que está em constante negociação com aspectos publicitários. O nono e o décimo capítulo tematizam a sétima arte. O primeiro destes é produto dos registros de Francisco Perales Bazo (Universidade de Sevilla – Espanha) que argumenta o cinema esportivo como gênero autônomo e demarca que na produção espanhola o boxe e o futebol foram as maiores recorrências na representação deste gênero. Já a segunda produção sobre cinema é fruto da colaboração dos professores Allyson Carvalho de Araújo (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil) e Joaquín Marín Montín (Universidade de Sevilla – Espanha) que analisam as mostras exibidas no Festival Cine y Deporte de Sevilla para pensar a representação do esporte.

O último artigo que compõe o livro, do professor Antonio Roda Martínez (Universidade de Sevilla – Espanha) busca refletir categorias como lazer e cultura a partir do jogo de rol em diálogo com as atividades esportivas.

Certamente, “Deporte, comunicación y cultura” é uma obra endereçada tanto aos admiradores do esporte e aos consumidores midiáticos. Contudo, independentemente dos capítulos estabelecerem abordagens teóricas ou analíticas, é certo que todos instigam pela riqueza de idéias presentes na obra, fruto da multiplicidade de falas que se localizam geográfica e conceitualmente em espaços distintos. Convido o leitor para debruçar-se sobre a obra e acessar às idéias destes pesquisadores para nutrir ainda mais o diálogo da comunicação com o esporte.

REFERÊNCIAS

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. As relações entre os sexos no esporte. Estudos Feministas. vol. 5, n. 2. Florianópolis: UFSC, 1997, p. 321-348.

GUMBRECHT, H. U. Elogio da beleza atlética. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MONTÍN, Joaquín Marín (Org.). Imagen, Comunicación y Deporte: una aproximación teórica. Madrid: Vision Libros, 2008.

MONTÍN, Joaquín Marín (Org.). Comunicación y Deporte: nuevas perspectivas de análisis. Sevilla: Comunicación social ediciones y publicaciones, 2005.